

Preconceito no atletismo e suas representações cinematográficas: contribuições para a educação física escolar

Cláudio Delunardo Severino¹

<https://orcid.org/0000-0002-7026-3477>

Érik Imil Viana Farani¹

<https://orcid.org/0000-0001-6218-9580>

1 - Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

Resumo: O presente estudo teve como objetivo analisar as manifestações de preconceito no atletismo a partir das representações cinematográficas de *Carruagens de Fogo*, *Berlin 36*, *Raça* e *McFarland dos EUA*, considerando os contextos históricos, sociais e culturais apresentados nas obras e suas possibilidades de utilização pedagógica na Educação Física escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-analítico, fundamentada na análise de conteúdo das produções cinematográficas selecionadas. Foram observados elementos relacionados aos contextos históricos, à construção dos personagens, aos conflitos e às formas de exclusão, resistência e superação presentes nas narrativas. Os resultados evidenciaram que o preconceito no atletismo assume diferentes configurações, desde manifestações sutis relacionadas à classe e à religião até formas institucionalizadas de discriminação racial e desigualdades associadas à origem étnica e às condições socioeconômicas. A análise também revelou que o esporte, embora reproduza hierarquias e desigualdades sociais, pode constituir espaço de visibilidade, resistência e contestação. Conclui-se que o cinema apresenta potencial como recurso pedagógico para problematizar preconceitos e desigualdades no esporte, contribuindo para uma Educação Física escolar crítica, inclusiva e comprometida com o reconhecimento das diferenças e a transformação social.

Palavras-chave: Atletismo. Preconceito. Cinema. Educação Física escolar. Inclusão social.

Declaração de IA generativa e tecnologias assistidas por IA no processo de escrita

Durante a preparação deste trabalho, o(s) autor(es) usaram o ChatGPT (OpenAI) para auxiliar na revisão gramatical, no aprimoramento da clareza e da coesão do texto. Depois de usar esta ferramenta/serviço, o(s) autor(es) revisaram e editaram o conteúdo conforme necessário e assumiram total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

INTRODUÇÃO

O esporte, enquanto fenômeno sociocultural, reflete e influencia as dinâmicas da sociedade. Entre suas manifestações, o atletismo destaca-se por sua universalidade e associação a valores como mérito, superação e desempenho individual. Entretanto, também está sujeito a tensões sociais e diferentes formas de preconceito, de natureza racial, étnica ou religiosa (Silva; Paula, 2020).

Nesse contexto, o cinema constitui importante meio de representação dessas tensões, ao articular o esporte a questões sociais e possibilitar a observação de mecanismos de exclusão e superação em diferentes períodos e contextos. Assim, ultrapassa a reprodução da realidade e constitui recurso relevante para sua interpretação e análise crítica.

Diante disso, questiona-se: de que maneira o preconceito é representado no atletismo por meio de narrativas cinematográficas e como essas representações podem contribuir para reflexões críticas e para a prática pedagógica na Educação Física escolar? O estudo busca, portanto, analisar diferentes formas de discriminação presentes em obras cinematográficas que têm o atletismo como elemento central, considerando seus contextos históricos, sociais e culturais.

O objetivo consiste em analisar as manifestações de preconceito no atletismo a partir de *Carruagens de Fogo*, *Berlin 36*, *Raça* e *McFarland dos EUA*, selecionados por abordarem preconceitos religioso, racial e étnico em diferentes contextos, permitindo comparar formas de exclusão, resistência e possibilidades de utilização pedagógica. Justifica-se o estudo pela compreensão do esporte como espaço de construção e reprodução de valores sociais. A análise do atletismo sob a perspectiva do preconceito amplia a compreensão dos desafios enfrentados por diferentes grupos e do potencial transformador do esporte (Mendonça, 2020). Assim, o cinema contribui para abordagens pedagógicas que valorizam recursos audiovisuais no ensino da Educação Física.

MÉTODOS

No que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-analítico, fundamentada na análise de conteúdo de obras cinematográficas. A partir da seleção dos filmes, foram observados e interpretados elementos narrativos relacionados às manifestações de preconceito, considerando aspectos como contexto histórico, construção dos personagens, conflitos apresentados e desfechos das narrativas. Tal abordagem permite compreender como o cinema representa e problematiza questões sociais, contribuindo para uma leitura crítica das relações entre esporte, cultura e sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cinema e Formação Crítica: Contribuições para o Ensino

Ao longo dos anos, o processo educacional esteve centrado na linguagem verbal e no texto escrito. Com o avanço das tecnologias e a crescente presença de recursos audiovisuais, observa-se maior valorização do estímulo visual na aprendizagem (Cipolini; Moraes, 2009; Almeida, 2025). Nesse contexto, o cinema apresenta-se como recurso pedagógico capaz de ampliar as possibilidades de construção do conhecimento. Embora frequentemente associado ao entretenimento, o cinema também constitui importante ferramenta para a propagação de ideias e a problematização de questões sociais, devendo sua inserção escolar assumir caráter intencionalmente educativo. Seu uso pode ilustrar conteúdos e introduzir temas complexos, favorecendo o debate e a reflexão crítica (Cipolini; Moraes, 2009).

Enquanto linguagem artística, o cinema não apenas reproduz, mas reconstrói a realidade por meio de escolhas estéticas permeadas por valores, crenças e posicionamentos ideológicos (Cipolini; Moraes, 2009). Nesse sentido, suas produções possibilitam diferentes níveis de interpretação e a elaboração de significados próprios, favorecendo debates sobre a realidade social (Vieira; Nascimento; Bittencourt, 2023).

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) reforça a importância de recursos tecnológicos e estratégias diversificadas no ensino. Por articular elementos visuais e sonoros, o cinema pode favorecer a compreensão de conceitos complexos. Assim, quando utilizado de forma planejada e crítica, contribui para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva.

Preconceito e Racismo no Contexto do Atletismo: Representações Cinematográficas e Desigualdades

No âmbito das discussões sobre preconceito no esporte, compreender o racismo implica reconhecê-lo como processo de diferenciação e hierarquização entre grupos, que ultrapassa a dimensão biológica e influencia formas de inserção e reconhecimento social (Farias *et al*, 2020). O esporte, enquanto microcosmo da sociedade, também reproduz desigualdades e relações de poder presentes no contexto social mais amplo (Gregório; Melo, 2015). Nesse sentido, a discriminação racial resulta de discursos historicamente construídos

e reproduzidos nas práticas sociais e institucionais (Mendonça, 2020). Bauman (1998), ao discutir o Holocausto e sua relação com a modernidade, evidencia como estruturas burocráticas e institucionais podem favorecer processos de desumanização, perspectiva que contribui para compreender o racismo como fenômeno estrutural, e não apenas como atitude individual.

No esporte, a discriminação racial contribui para a construção de um lugar simbólico de inferioridade do indivíduo negro, marcado pela desvalorização de sua participação e de suas contribuições sociais (Silva; Paula, 2020). A própria noção de “raça” deve ser compreendida como construção social, uma vez que características fenotípicas, como cor da pele, textura do cabelo e traços faciais, não constituem indicadores genéticos precisos de ancestralidade, mas podem ser convertidas em estereótipos que também incidem sobre a avaliação do corpo do atleta (Silva *et al.*, 2020).

Historicamente, a ideia de supremacia racial foi utilizada para justificar práticas de opressão e manutenção de privilégios, reproduzindo desigualdades (Tralci Filho; Santos, 2020). Assim, embora o esporte, especialmente o atletismo, seja associado à igualdade e à meritocracia, também constitui espaço de reprodução dessas hierarquias. A presença do atleta negro historicamente provocou tensões e discursos destinados a deslegitimar seu protagonismo, evidenciando a racialização dos corpos e a valorização da branquitude como referência ética, estética e intelectual (Tralci Filho; Santos, 2020).

No atletismo, essa contradição torna-se particularmente evidente, pois o desempenho individual é amplamente exposto e valorizado. Ainda assim, conquistas esportivas não impedem a permanência de estigmas e preconceitos, como demonstra a trajetória de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, cuja vitória confrontou os ideais de supremacia racial vigentes naquele contexto.

A recorrência do racismo no esporte evidencia que não se trata de episódios isolados, mas de uma problemática estrutural frequentemente naturalizada como “brincadeira” ou situação de menor gravidade, contribuindo para o silenciamento das vítimas e a manutenção da impunidade (Farias *et al.*, 2020; Souza *et al.*, 2015; Silva; Paula, 2020). A mídia, por sua vez, apresenta papel ambíguo: pode ampliar a visibilidade das discriminações, mas também reproduzir estereótipos e discursos excludentes (Gregório; Melo, 2015).

Nesse contexto, o cinema assume relevância como recurso interpretativo e pedagógico, ao representar conflitos, desigualdades e mecanismos de exclusão, possibilitando problematizar as estruturas que sustentam o preconceito. Assim, a análise de *Carruagens de Fogo*, *Berlin 36*, *Raça* e *McFarland dos EUA* permite compreender diferentes formas e intensidades assumidas pelo preconceito racial no atletismo, evidenciando também possibilidades de resistência e contestação.

Carruagens de fogo

Lançada em 1981 e dirigida por Hugh Hudson, *Carruagens de Fogo* (*Chariots of Fire*) é uma produção britânica baseada em eventos relacionados à participação de atletas do Reino Unido nos Jogos Olímpicos de 1924, em Paris. A narrativa acompanha os atletas Harold Abrahams, estudante judeu que enfrenta o elitismo e o preconceito religioso, e Eric Liddell, missionário escocês cuja relação com o atletismo está vinculada à fé e aos princípios religiosos (Terra; Pizani, 2009).

A trajetória de Abrahams evidencia como o atletismo, apesar de associado à igualdade, também reproduz mecanismos de exclusão. O preconceito manifesta-se por meio estruturas institucionais que questionam sua legitimidade, sobretudo em razão de sua origem judaica. Sua busca pelo sucesso esportivo assume, assim, um caráter de afirmação pessoal diante de um ambiente marcado por distinções culturais e simbólicas (Santana, 2016). A decisão de contratar um treinador profissional para os Jogos é interpretada pela direção de Cambridge como ruptura com os valores tradicionais da instituição, revelando mecanismos simbólicos de exclusão e deslegitimação (Santana, 2016).

A trajetória de Liddell apresenta outra dimensão de conflito, relacionada à liberdade religiosa. Ao recusar-se a competir em um dia considerado sagrado, o atleta confronta a lógica competitiva e nacionalista do esporte, evidenciando que o atletismo também envolve escolhas éticas e identitárias (Terra; Pizani, 2009). Já Lord Lindsay representa os privilégios de classe, ao vivenciar o esporte como atividade recreativa, sem as pressões enfrentadas por Abrahams.

Dessa forma, *Carruagens de Fogo* articula atletismo, classe, religião e identidade, demonstrando que o esporte, embora valorize o desempenho individual, reproduz hierarquias e mecanismos de exclusão presentes na sociedade. A obra, portanto, contribui

para a reflexão sobre o preconceito esportivo e sobre os limites da suposta igualdade de oportunidades no esporte (Terra; Pizani, 2009).

Berlin 36

O filme *Berlin 36*, dirigido por Kaspar Heidelberg e lançado em 2009, retrata a trajetória da atleta judia Gretel Bergmann nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, período de consolidação do regime nazista. Nesse contexto, o atletismo ultrapassa a dimensão esportiva e passa a ser utilizado como instrumento de propaganda e afirmação da supremacia racial.

Cornelsen (2024) destaca que, inicialmente, os nazistas se opunham à realização dos Jogos em Berlim, em razão da incompatibilidade entre os princípios do nacional-socialismo — nacionalismo, expansionismo, racialismo e antissemitismo — e os ideais de universalidade e democracia do Olimpismo. Com a ascensão ao poder, porém, essa posição foi modificada e os Jogos passaram a ser instrumentalizados como vitrine política e propaganda internacional do regime (Cornelsen, 2024).

Essa apropriação do esporte insere-se em um contexto histórico de intolerância e segregação contra judeus, cujo processo atingiu seu extremo com o extermínio sistemático de milhões de pessoas no século XX (Kirschbaum; Silva, 2025). *Berlin 36* evidencia, assim, como o preconceito pode ser institucionalizado e legitimado por estruturas de poder, aproximando-se da análise de Bauman (1998) sobre o papel das instituições na organização da exclusão e da desumanização. A exclusão de atletas judeus, portanto, não se baseava em critérios esportivos, mas em determinações ideológicas.

A obra também evidencia a sobreposição entre discriminação racial e desigualdades de gênero, uma vez que as atletas enfrentavam restrições relacionadas tanto à origem étnica quanto à condição feminina. Essa dimensão dialoga com Bourdieu (2012), ao revelar a naturalização da dominação masculina.

Por fim, o filme evidencia a utilização dos Jogos Olímpicos como espetáculo midiático e instrumento de propaganda, associando o atletismo à excelência física e à ideologia nazista. A participação e as conquistas de Jesse Owens, entretanto, confrontaram simbolicamente essa narrativa, demonstrando que o esporte pode atuar simultaneamente como instrumento de opressão e espaço de resistência.

Raça

Com direção de Stephen Hopkins e lançado em 2016, *Raça* (*Race*) apresenta a trajetória do atleta norte-americano Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, evidenciando os desafios impostos pelo racismo nos Estados Unidos e no cenário internacional. A obra demonstra que, mesmo em um esporte associado ao mérito individual, persistem estruturas sociais que limitam o reconhecimento e a igualdade de tratamento dos atletas negros.

A trajetória de Owens revela uma importante contradição: suas conquistas esportivas não foram suficientes para romper as barreiras de uma sociedade racialmente hierarquizada. Nesse sentido, Bauman (1998) permite compreender o racismo como parte de processos de classificação e ordenamento social que produzem hierarquias e exclusões, inclusive em espaços aparentemente neutros, como o esporte.

O filme também problematiza a interpretação biologizante do desempenho de atletas negros, frequentemente associado a supostas características genéticas, em detrimento de fatores como treinamento, disciplina e contexto social (Oliveira, 2019). Ao analisar *Raça*, Zoboli, Dantas Junior e Manske (2024) destacam que o corpo de Owens ultrapassa a dimensão do desempenho atlético, sendo atravessado por disputas ideológicas e políticas. O corpo negro aparece, simultaneamente, como alvo de exclusão e objeto de instrumentalização, evidenciando o esporte como campo de disputa simbólica.

Em diálogo com *Berlin 36*, o filme apresenta os Jogos Olímpicos de 1936 como espaço de confronto simbólico entre ideologias. Enquanto o nazismo buscava afirmar a supremacia ariana, as conquistas de Owens confrontaram esses pressupostos e demonstraram o potencial do esporte como espaço de visibilidade e resistência. A narrativa também evidencia a influência de interesses políticos nas decisões esportivas, reforçando que o esporte não se desenvolve de forma isolada das estruturas de poder.

Dessa forma, *Raça* contribui para compreender as relações entre atletismo e preconceito ao demonstrar que o esporte pode reproduzir desigualdades e, simultaneamente, constituir espaço de contestação simbólica. A trajetória de Jesse Owens ultrapassa, assim, a dimensão esportiva e revela tanto os limites quanto as possibilidades do esporte no enfrentamento das desigualdades raciais.

McFarland dos EUA

Baseada em fatos reais, *McFarland dos EUA* (*McFarland, USA*), dirigida por Niki Caro e lançada em 2015, retrata a formação de uma equipe escolar de atletismo composta por jovens latinos, filhos de trabalhadores rurais, em uma comunidade marcada por desigualdades econômicas e limitações estruturais na Califórnia.

A obra evidencia que o atletismo pode representar oportunidade de ascensão social, mas permanece condicionado a restrições estruturais. Os jovens enfrentam jornadas de trabalho, dificuldades de acesso a recursos e expectativas sociais reduzidas, revelando que o preconceito também pode manifestar-se de forma indireta, por meio de condições que restringem oportunidades e reproduzem desigualdades. Os estereótipos associados à população latina reforçam essa realidade, demonstrando que o mérito individual não é suficiente para garantir igualdade de condições.

Nesse contexto, a inclusão social pressupõe acesso equitativo e participação efetiva nos diferentes espaços da sociedade, sendo o esporte um importante instrumento de integração e desenvolvimento individual (Barbosa *et al.*, 2025). O filme também destaca o professor como mediador desse processo, ao reconhecer o potencial dos jovens e criar condições para seu desenvolvimento. Na Educação Física, essa atuação contribui para que o esporte ultrapasse o caráter competitivo e se constitua como espaço inclusivo, democrático e formativo (Barbosa *et al.*, 2025).

O atletismo de resistência (*cross country*) assume ainda um significado simbólico, ao exigir disciplina, persistência e trabalho coletivo, características relacionadas aos desafios cotidianos dos personagens. A corrida torna-se, assim, metáfora das dificuldades enfrentadas e das possibilidades de superação.

Dessa forma, *McFarland dos EUA* amplia a compreensão do preconceito no esporte ao evidenciar que, além das manifestações raciais e religiosas, desigualdades estruturais interferem no acesso, na permanência e no reconhecimento de determinados grupos. Ao articular atletismo, educação e contexto social, o filme reforça o potencial transformador do esporte e, simultaneamente, evidencia os limites impostos pelas desigualdades sociais.

DISCUSSÃO

A análise de *Carruagens de Fogo*, *Berlin 36*, *Raça* e *McFarland dos EUA* permite compreender que o preconceito no atletismo se manifesta de diferentes formas, relacionadas a contextos históricos e sociais distintos, mas articuladas em uma mesma trama de desigualdades. As obras podem ser compreendidas como “personagens históricos”, cujas narrativas revelam a complexidade das relações entre esporte e sociedade.

Em *Carruagens de Fogo*, o preconceito aparece de forma sutil nas relações sociais e institucionais, especialmente por meio das distinções de classe e religião vivenciadas por Harold Abrahams. O filme evidencia que o mérito esportivo não garante reconhecimento pleno, reforçando a compreensão do esporte como dispositivo social marcado simultaneamente pela regulação dos comportamentos e por mecanismos de distinção e exclusão (Pereira, 2025).

Em *Berlin 36*, essas manifestações tornam-se explícitas. A exclusão de atletas judeus passa a integrar uma política de Estado, revelando o esporte como instrumento de legitimação ideológica. Essa transformação pode ser compreendida a partir de Bourdieu (1983; 2001), que concebe o esporte como campo de disputas por poder e reconhecimento, e de Foucault (2010), ao evidenciar a atuação do poder sobre práticas, discursos e corpos.

Raça amplia essa discussão ao apresentar a trajetória de Jesse Owens e demonstrar que o racismo também se reproduz em uma sociedade formalmente democrática. O êxito esportivo, portanto, não assegura reconhecimento social, evidenciando o caráter estrutural e transnacional dos processos de classificação e exclusão discutidos por Bauman (1998).

Já *McFarland dos EUA* desloca a análise para formas mais difusas de desigualdade, relacionadas às condições socioeconômicas e étnicas. O preconceito manifesta-se menos por ações explícitas do que pela ausência de oportunidades e pela naturalização das desigualdades, aproximando-se da compreensão de Bourdieu (2001) sobre o poder simbólico e a internalização das relações de dominação.

Analisadas em conjunto, as obras revelam uma continuidade nas formas de preconceito no atletismo: manifestações sutis e simbólicas em *Carruagens de Fogo*; institucionalização explícita em *Berlin 36*; contradições estruturais em *Raça*; e desigualdades naturalizadas em *McFarland dos EUA*. Essa trajetória demonstra que o preconceito se adapta aos contextos históricos, assumindo diferentes formas.

Um elemento comum às quatro narrativas é o corpo do atleta como espaço de disputa, classificação e hierarquização, seja pela religião, raça ou origem social. Ao mesmo tempo, os filmes demonstram que o esporte também pode constituir espaço de resistência, visibilidade e contestação. Contudo, essas possibilidades não são suficientes, isoladamente, para transformar as estruturas sociais que sustentam o preconceito.

CONCLUSÕES

A análise de *Carruagens de Fogo*, *Berlin 36*, *Raça* e *McFarland dos EUA* permitiu compreender que o atletismo, embora associado à igualdade, mérito e superação, também constitui espaço de reprodução de tensões sociais e diferentes formas de preconceito, vinculadas a estruturas históricas e culturais mais amplas.

As obras evidenciam distintas configurações desse fenômeno: em *Berlin 36*, o preconceito aparece de forma explícita e institucionalizada; em *Carruagens de Fogo*, manifesta-se por barreiras simbólicas e sociais; em *Raça*, evidencia-se o caráter estrutural do racismo; e, em *McFarland dos EUA*, as desigualdades relacionam-se à origem étnica e às condições socioeconômicas. Em conjunto, as narrativas demonstram que o desempenho esportivo não garante reconhecimento ou igualdade de oportunidades, embora o atletismo também possa constituir espaço de visibilidade e resistência.

Nesse contexto, a Educação Física demanda uma abordagem crítica que ultrapasse discursos de tolerância e respeito restritos às intenções. É necessário transformá-los em práticas pedagógicas capazes de problematizar desigualdades, promover inclusão e reconhecer as diferenças. Assim, a análise cinematográfica mostra-se um recurso fecundo para compreender as relações entre esporte e sociedade e fortalecer práticas pedagógicas críticas e socialmente comprometidas no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. O. O uso de filmes cinematográficos como fontes históricas e materiais didáticos para o ensino de História na educação de jovens e adultos. 2025. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/items/179148e2-1d9c-494c-8fdb-3d61420d05f5>>.

BARBOSA, M. S. *et al.* Inclusão social por meio do esporte. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 11, n.9, p. 2315-2322, set. 2025

BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Disponível em: < <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20983>>.

BERLIN 36. Direção: Kaspar Heidelberg. Produção: Regina Ziegler. Alemanha: Ziegler Film, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. BNCC Competências gerais da Educação Básica. Portaria número 1.570, publicada no D.O.U de 21/12/2017, Seção 1, p. 146.

CARRUAGENS de fogo. Direção: Hugh Hudson. Produção: David Puttnam. Reino Unido: Goldcrest Films, 1981.

CIPOLINI, A.; MORAES, A. C. Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação. **Educação Santa Maria**, Santa Maria, v. 34, n. 2, p. 265-278, maio/ago. 2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/239>>.

CORNELSEN, E. L. 1936, o ano em que o Olimpismo foi sequestrado pelo totalitarismo. **FuLiA/UFGM**, Belo Horizonte, v. 9, n. 3, set.-dez., 2024. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/53750>>.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 30. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010

GREGÓRIO, F.; MELO, C. B. M. Preconceito racial no esporte nacional. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro – RJ, v. 10, n. 24, p. 1-31, 2015. Disponível em: < https://ludopedio.org.br/biblioteca/preconceito-racial-no-esporte-nacional/?srsId=AfmBOoqvEPOI3w3YN-Qkzvq2_LZV9B2jeXfvuWqArlPhMBT1OAq23AmL>.

KIRSCHBAUM, S.; SILVA, M. R. Acenos de esperança: caminhos para superação do antissemitismo. **Cadernos de Sion**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 27-48, jul/dez 2025. Disponível em: < https://revista.ccdej.org.br/ojs/index.php/CSION/pt_BR/article/view/164>.

MCFARLAND dos EUA. Direção: Niki Caro. Produção: Mark Ciardi; Gordon Gray. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2015

MENDONÇA, O. L. **Racismo no esporte: o papel da justiça, federações, tribunais e códigos desportivos**. Uberlândia – MG: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Direito Professor Jacy de Assis – Bacharelado. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30708>>.

OLIVEIRA, B. H. G. *et al.* Tematizando o racismo nas aulas de educação física: problematizando o futebol. **Revista Semana Pedagógica**, Recife – PE, v. 1, n. 1, p. 227-

229, 2019. Disponível em: <
<https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/2374/1592>>.

PEREIRA, D. C. A configuração da violência de gênero no esporte: corpo, poder e processo civilizatório. **Revista Cadernos Cajuína**, São Paulo, v. 10, n. 5, p. 1-21, 2025. Disponível em: < <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/1303>>.

RAÇA. Direção: Stephen Hopkins. Produção: Jean-Charles Levy; Luc Dayan. Estados Unidos: Forecast Pictures; Solofilms; Trinity Race, 2016

SANTANA, J. A. Então, de onde vem a força que os faz continuar correndo? Condições diaspóricas e rostidades olímpicas em Chariots of Fire, de Hugh Hudson. **Aletria**, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 231-250, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18709>>.

SILVA, F. H. A.; PAULA, P. A. F. A psicologia do esporte e os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte – MG, v. 5, n. 10, p. 116-135, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/22079>>.

TRALCI FILHO, A.; SANTOS, A. O. Esporte, psicologia e racismo: é possível uma psicologia do esporte antirracista? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília – DF, v. 40 (n. spe), p. 1-14, 2020. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/Q3j6ZRhnqM8pHTLWkKf9CGK/?format=html&lang=pt>>.

VIEIRA, G. C.; NASCIMENTO, R. S.; BITTENCOURT, L. P. Cinema e Educação: A utilização de filmes como Ferramenta Educacional Ativa e Reflexiva. **Revista Eixos Tech**, Passos, v. 10, n. 1, p. 1-17, 2023. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/381839316_Cinema_e_Educacao_A_utilizacao_d_e_filmes_como_Ferramenta_Educacional_Ativa_e_Reflexiva>.

ZOBOLI, F.; DANTAS JUNIOR, H. S.; MANSKE, G. S. O fascismo e os usos políticos do corpo negro de Jesse Owens no filme “Raça” (2016). **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1-13, 2024. Disponível em: <
<file:///C:/Users/claud/Downloads/ARTIGO+ID+18483.pdf>>.